



Antes de principiar a peça, que tinha muito bonita musica, appareceu no palco um joven elegantemente vestido, que recitou uma poesia em nome da cidade e em honra dos Reaes Esposos.

Estes, a sr.<sup>a</sup> Dona Adelaide de Bragança, a Princeza de Taxis, e Archidukes estavam na tribuna real, magestosamente armada.

Todos os corredores estavam adornados de verdura e flores.

O theatro acabou pelas 10 horas pouco mais ou menos voltámos todos para o palacio e serviu-se a ceia e o cha.

Os escudeiros que faziam o serviço da meza e das salas vestiam casacas sérias de veludo e colletes de setim branco, uma e outra coisa avivada com cordão d'ouro, calção de veludo, meia de seda e espadim, e traziam o cabello empoadado.

Os creados de farda da Princeza são mais de trinta, vestidos todos de ricos fardamentos encarnados, agaloados d'ouro.

Os fardamentos são do feito de um casaco largo até ao joelho, calção tambem encarnado e agaloado d'ouro e meia de seda.

Finda a ceia a sr.<sup>a</sup> Dona Adelaide de Bragança disse-nos que, a pedido de Sua Filha a Duqueza de Baviera, ainda se demorava em Ratisbonne no dia 19, partindo d'alli só no dia 20, e que por isso nos pedia para nos demorarmos alli mais um dia, accrescentado que a Princeza de Taxis a encarregára de nos dizer que tinha nisso o maior gosto; todos os portuguezes responderam que taes desejos eram para nós ordens muito agradaveis de cumprir.

Só o Duque de Cadaval sae hoje ás cinco horas da tarde, por ter negocios de importancia a tractar em Paris.

E fallando do Duque não devo deixar de vos dizer que: tanto nas corimónias do casamento, como na meza lhe foi sempre dado logar de Principe.

Do «Univers» e do «Regensburger Norgenblatt», extractamos mais o seguinte: No imponente corte ia na frente o Real Noivo acompanhado por SS. AA. os Principes de Loewenstein e Maximiliano de Turn Taxis.

Seguiam-se logo S. A. I. e R. o Archiduque Carlos Luiz e S. A. R. o Duque Carlos Theodoro da Baviera, S. A. R. o Conde de Bardi e S. A. o Principe de Isemburg.

A Augusta Noiva era acompanhada pela Duqueza de Bragança e por S. A. R. a Princeza Hereditaria Heleena (Mãe da sr.<sup>a</sup> Dona Isabel Maria de Bragança). Seguiam-se SS. AA. RR. as sr.<sup>as</sup> Infanta Dona Maria Anna de Bragança e Dona Maria Antonia de Bragança, SS. AA. RR. a Princeza Luiza de Turn Taxis, a Princeza Maria de Loewenstein e a Princeza Maria de Turn Taxis, S. A. I. R. a Archiduqueza Maria Thereza, S. A. a Princeza Mathilde de Turn Taxis, S. A. a Princeza de Isemburg, S. A. R. a Duqueza Maria José da Baviera, S. A. a Princeza de Loewenstein e S. A. R. a Duqueza Amalia da Baviera.

Seguiam-se muitos outros Principes e entre estes o Duque de Cadaval, e com elle os outros membros da commissão portugueza que veiu assistir a este acto, (composta pelos seguintes snrs: Angelo de Sousa Prado, Conde da Redinha, Elisiario de Mello Dias, Francisco de Abreu Pereira Coutinho, Jorge de Cabedo e Vasconcellos, José Correa de Sá, Sebastião Pereira da Cunha, Ventura Malheiro Reimão Telles de Menezes).

Na nave da Igreja achavam-se numerosas deputações; entre estas sobressaia uma dos officiaes do regimento de Dragões de Windischgratz, a que pertence o sr. D. Miguel, as auctoridades civis, a officialidade pertencente á guarnição da cidade e os empregados da Casa do Principe Turn e Taxis.

Quando Mons. o Bispo começou a cerimonia, o coro entoou o *Veni Sancte Spiritus*. Depois o respeitavel Prelado dirigiu um commovente discurso aos Augustos Noivos, e terminou lançando-lhes a Benção. Seguiu-se a Missa e a função religiosa terminou com um solemne *Te-Deum*.

O conde d'Avintes teve a honra de apresentar á joven princeza, sua filha D. Maria Rita, que fica a occupar o logar de açafata da augusta companheira do Senhor D. Miguel.

Depois do jantar os novos esposos seguiram para uma casa de campo, que a familia de Turn e Taxis possui ás portas da cidade.

D'ahi partirão depois para a Austria, Allemanha e meio dia da França.

### A crise

Não ha nada mais ridiculo do que a chamada crise que se está vendo no nosso paiz, e principalmente na sua capital. Quem viu as facilidades de 1875 e vê os retraimentos e cautelas de 1877! E de mais, não ha motivo para tanto.

Viu-se em Lisboa, que no anno de 1875 o Banco Luzitano fez varios adiamentos de assembleia geral, porque não se reunia numero, e dizia-se que era o primeiro Banco do paiz, e a sua gerencia era tão orgulhosa, que queria alargar a sua thesauraria até ao Terreiro do Paço, expulsando os vizinhos. Como o dividendo era bom, convidava, as acções bem cotadas, não havia mais que ver. Era a fé dos devotos, a esperança dos ambiciosos, e a caridade dos espertos que decidia e quanto bastava. Agora tem casa de mais.

A crise de 1876, que elles arranjaram, os lusitanos por exemplo com outros da sua clientela ou da sua seita, porque no commercio tambem ha uma maçonaria especial, que é mais temivel do que a dos encarnados ou dos negros, abriu os olhos até mais não a estes directores de alta capacidade.

Porque em Londres, onde o cambio estava a 2 1/2 subiu a 3, e depois a 4, e porque de Londres se retirava ou tomava dinheiro de Paris onde havia maiores depositos; estes senhores, cá de Portugal, em vez de subirem a 6, 7 ou 8, porque a 5, 6 e 7 sempre elles tem estado; para evitarem que nos levantassem as libras, não senhor, não só fizeram isto, mas fizeram peor porque se retraíram e reconcentraram fazendo um mal immenso ao commercio geral, isto é, tomaram a medida mais perigosa e mais funesta que se podia tomar, porque não prestando serviço da occasião agravaram a situação com as suas exigencias de retracção e reconcentração.

Em Lisboa, uma caixa, que era uma verdadeira casa de prego suspende seus pagamentos, isto basta para abrir crise tremenda. Glorias de Portugal! Em 1876 teve a gloria no Porto o sr. Roriz, em 1877 é heroe o sr. Gomes da Silva em Lisboa. Este sr. teve a honra de fazer fechar tudo. E' preciso que para o anno venha um mais possante ainda que dê com Portugal e todas as suas possessões ultramarinas em vasa-barris.

E' uma vergonha, que os Bancos que se crearam com o fim, ou debaixo da apparencia de proteger o commercio, a industria, e a agricultura, se prestem a um ridiculo desta ordem, salvo se estão vasilos de dinheiro e de sciencia, ou então seguram-se a si e aos seus intimos e deixam gemer os mais.

Tem-se visto casas muito sérias em grandes apuros e outras tem suspendido, e não serão só estas duas ou tres; mais virão se as cousas assim continuam. Ha até quem diga que em tudo isto ha um proposito de fazer cair outros estabelecimentos e mesmo algumas casas, e tudo pôde ser, porque a tal maçonaria da rua dos Capellistas é temivel. Quem os desco-se bem é o sr. dr. Arthur da Silveira, no «Commercio Portuguez».

Os Bancos não tem direcções competentes. Ha n'elles um ou outro individuo de merecimento, mas no geral é uma miseria, e não só isso, vão para alli satisfazer caprichos e vinganças particulares, e arranjar os seus negocios e os dos seus parentes e amigos, segundo é a voz do publico.

O sr. Luciano Cordeiro publicou um livro — dos *Bancos Portuguezes*. Nesta obra, aliás boa, e muito boa, ainda não toca em tudo; é preciso que outra appareça e que se mostre ao publico o que são os Bancos cá no nosso Portugal.

E' provavel que esta obra appareça, porque ha motivos fortes e razões de alta conveniencia publica para que se escreva, e estamos bem convencidos que tambem ainda ha caracteres austeros que rompam por todas as considerações para o fazer.

Os Bancos não se quizeram fundir; mas é provavel que se venham a fundir.

\*\*\*

### A peregrinação portugueza a Roma.

XV

DE MARSEILLE A ROMA

Só os que tem viajado em caminho de ferro é que podem calcular, quanto um percurso ininterrompido de mais de vinte e quatro horas nos devia ser pesado.

A viação acelerada tambem tem seus inconvenientes.

E o primeiro, na minha opinião, é o furtar-nos á poesia das antigas cavalgatas, para nos atturdir em troca com o ruido monotono da locomotiva.

Não é que eu me revolte contra as incontestaveis vantagens do vapor na via ferrea. Mas quando nos vemos atravessando, com a velocidade do relampago, um valle formosissimo, sem que seja dado gozar das graças que encerra; quando ao descobrir ao longe os requebros de uma collina, nos vemos repentinamente affastados d'ella; como que sentimos saudades do classico animal, que depois de nos trazer errantes um dia inteiro, pelo descampado de um deserto, ia dar comnosco, alta noite, á porta de desconhecida choupana onde uma pessoa caridosa nos agasalhava com carinho, refazendo-nos as forças a frugalidade que é propria da nossa boa gente do campo.

Tinhamos chegado a Marseille verdadeiramente fatigados do corpo e do espirito.

Esta circumstancia, junta ao pouco tempo de que podiamos dispor, foi-nos impedimento a que vissemos a cidade, como o pediam os seus magnificos edificios e a sua população de trezentos e cincoenta mil habitantes.

Nem a Santa Maria Magdalena, que, pela sua situação, é o attractivo dos viajantes, podémos fazer uma visita.

Ainda assim contudo, podémos fazer de Marseille uma idea, talvez exacta.

O que principalmente nos chamou a attenção, foi a doka immensa do seu porto, com capacidade de dar abrigo á maior marinha do mundo.

De commercio florescentissimo, não se viam alli senão barcos de todas as lotações, que juncavam o mar em grande espaço, o que até certo ponto não nos admirou, por sabermos que é este o primeiro porto da França no Mediterraneo.

Como estavamos cansados da viagem por terra, accordamos alguns peregrinos em continuar a jornada por mar.

E levamos a effeito esta nossa resolução, embarcando no vapor *Sempiero* que no dia seguinte áquelle em que chegamos, seguia para Napoles com escala por Civita-Vecchia.

A bordo reconhecemos, que não eramos só em nossa peregrinação, a Roma, pois logo á subida para o vapor, fomos recebidos com verdadeiro carinho por alguns ecclesiasticos francezes que levavam o mesmo destino.

Eu nunca esquecerei os dois primeiros dias que na minha vida passei no mar em feliz companhia com aquelles bons padres.

Que delicadeza, que doçura, que unção na sua conversa!

Que bem nos fazia o sol que irradiava d'aquellas intelligencias tão claras, d'aquelles corações tão formosos!

E isto quando navegavamos serenos por um mar de rosas, sob o risonho céo de Italia!

Alegres foram para nós essas horas, que decorreram rapidas como o pensamento, mas cuja lembrança guardo como uma doce recordação em minha alma.

Ao segundo dia davamos entrada no porto de Genova, tão coalhado d'embarcações, que pelo grande numero de mastros que elevavam, se assimilava a um verdadeiro pinhal.

Como o vapor alli se demorasse, podémos ver a cidade, que, situada em amphitheatro, offerece uma vista agradabilissima, a quem a observa do mar.

Os seus numerosos jardins, matisando a alvura de seus edificios, dão-lhe uma graça, que a tornam formosa e encantadora.

Tem optimas edificações, e magestosa cathedral, e nas ruas é tal o movimento, que só o podemos comparar ao de Madrid quando lá passamos. Chamou-nos a attenção a estatua do cardeal Palaviscini, em attide de quem está orando, mas já decapitada pela revolução.

Na praça de Colombo vimos o monumento ao descobridor do Novo Mundo; e pela parte superior á cidade as numerosas

boccas de fogo que lhe guardam a entrada.

Pela meia noite emfim o vapor levantou ferro para continuar a sua derrota; porém o mar, até então tranquillo e sosegado, embraveceu-se depressa, do que resultou para nós uma noite de soffrimentos.

Ao meio dia entravamos em Livorno, porto mais pequeno e de menor commercio.

A cidade abunda em estatuas que levantára aos duques de Modena que a governavam, dedicando-lhes como outros tantos testemunhos da sua gratidão pelas muitas e importantes obras com que a enriqueceram e aformosearam.

No meio d'estas vê-se a de Cavour, sam cabisbaixo e de forma, que segundo o dito espirituoso de um nosso companheiro de peregrinação, parece envergonhado.

A cathedral afigou-se-nos pequena, pois a não podemos ver no interior, porisso que a policia apenas consente, que esteja aberta em certas horas do dia.

Pelas ruas a vadiagem é sem conta.

O caracter indolente e preguiçoso dos italianos revela-se alli bem no grande numero de curiosos que se acercam do estrangeiro, apenas o descobrem.

Os pobres tambem avultam consideravelmente; e em tal quantidade que não foi necessario desembarcarmos, para que nos vissemos instantaneamente rodeados de muitos, que entraram no vapor a pedir esmola.

Ao cair da tarde partimos de Livorno para entrarmos no dia seguinte em Civita-Vecchia, pela uma hora depois do meio dia.

Nunca, em povoação nenhuma, experimentei uma sensação tão desagavel como aqui. Pobre, triste, arruinada e quasi deserta, fez-me sair dos labios esta phrase; —chora por seu dono —

Se não fossem alguns barqueiros, um dos quaes queria por força, que lhe enchessemos a mão de libras, tendo-lhe nós pago o ajuste, por nos transportar para terra, dois ou tres guardas d'alfandega, e outros tantos empregados do caminho de ferro, passávamos em Civita-Vecchia sem ver ninguém.

Pouco depois estavamos em caminho de Roma, o qual pela sua monotonia até ás proximidades da Cidade eterna, muito contribuiu para mais nos abater o espirito.

M. MARINHO.

### GAZETILHA

**Acto edificante.**—Na manhã de sexta-feira proxima, 2 de novembro, por volta das 7 horas, tem de se inaugurar na igreja dos Congregados a religiosa cerimonia de ser beijado pelos fieis o sagrado escapulario da Virgem Santissima das Dóres.

Convidamos os fieis catholicos a concorrerem a este religioso acto, rendendo assim homenagem á Virgem Mãe de Deus e dos homens.

O escapulario de Nossa Senhora das Dóres estará sobre o altar patente, para ser beijado pelos devotos, em todas as sextas-feiras do anno.

O venerandissimo prelado d'esta diocese dignou-se conceder 40 dias d'indulgencias a todo aquelle christão, que deante da piedosa Imagem da Virgem Dolorosa rezar uma Salve Rainha em honra da exaltação da Igreja de Christo, conversão dos peccadores e da paz e concordia entre os principes e fieis christãos.

**Fallecimento.**—No dia 23 do corrente falleceu em Lisboa o sr. dr. José Ribeiro Guimarães, um dos illustrados redactores do «Jornal do Commercio».

Este collega, commemorando o passamento do seu antigo redactor, não perdeu o ensejo de agredir os, por elle denominados, reaccionarios—que são os catholicos romanos, e os monarchicos,—em o numero dos quaes, segundo as revelações do articulista respectivo, se contava o pae do illustre finado.

Nós procederemos d'outro modo; e, cumprimentando os collegas da redacção do «Jornal do Commercio», fazemos nossas as seguintes linhas com que a «Nação» noticia a morte do sr. dr. José Ribeiro Guimarães:

Succumbiu ao peso da morte um dos nossos collegas na imprensa, o sr. dr. José Ribeiro Guimarães, redactor do «Jornal do Commercio».

Sempre divergentes em politica degladiamo-nos mutuamente; no calor da dis-

cussão trocámos, por vezes, frases menos amáveis; mas nem por isso deixavamos de ter na devida conta o merito litterario do illustre escriptor.

Filiado na escola ultra-liberal foi uma das suas columnas mais firmes, um dos homens mais prestimosos á causa que defendia.

Agora que a morte o velou com seu negro manto e poz termo a todas as discussões, resta-nos orar pelo seu eterno descanso.

**Outro.**—Falleceu ha dias, na sua casa, proximo de Chaves a exc.<sup>ma</sup> D. Luiza Joaquina da Cunha Monteiro de Carvalho Azevedo, mãe do ex.<sup>mo</sup> sr. Miguel Maximo da Cunha Monteiro, cirurgião mór d'infanteria 8, e deputado pelo circulo de Villa Nova de Famalicão, a quem cumprimentamos.

A finada era viuva do distincto official do exercito, Manoel Monteiro de Carvalho e Azevedo, que fez a guerra peninsular, foi tenente-coronel no exercito legitimista, e falleceu no corpo de veteranos.

**Outro.**—Ante-hontem falleceu na quinta junto á capella de S. Lourenço da Ordem, na casa de seu filho e neto, o sr. barão da Retorta.

O seu cadaver tem hoje officios fúnebres na igreja do extincto convento de S. Francisco.

Damos os pezames a toda a familia anojada.

**Caminho de ferro do Minho e Douro.**—Por occasião da inauguração solemne da nova ponte sobre o Douro, a qual se verificará no dia 4 (domingo) do proximo novembro, haverá bilhetes de ida e volta, a preços reduzidos, sendo de ida nos dias 3 e 4, e de volta nos dias 5 e 6. Além dos comboios ordinarios, haverá especiaes nos dias 4 e 5.

Já appareceu o novo horario,—que publicaremos opportunamente,—que tem de regular a exploração, em seguida áquelle acto, dos caminhos de ferro do Minho e Douro. Veremos se ha, ou não, alteração no de Lisboa.

**«O Agricultor do Norte de Portugal».**—Recebemos o n.º 1 do *Agricultor do Norte de Portugal*, jornal editado pela Casa Chardron, Porto e Braga, e de cuja publicação já fallamos.

Este n.º, que consta de 32 paginas, contém, além das tres estampas:—*Planta da quinta districtal, Typo ideal do boi de ceba visto de lado, e Um prado de marçita na Lombardia*, o seguinte:

Introdução, por A. C. Le Cocq.—A quinta districtal de agricultura, por A. C. Le Cocq.—Raças bovinas, por D. J. Salgado.—Os prados ordinarios e os de marçita no Piemonte e Lombardia, por A. C. Le Cocq.—Veterinaria para lavradores, por D. J. Salgado.—Noticia ácerca de algumas plantas hortenses pouco conhecidas em Portugal e que se podem vulgarisar com vantagem, por J. T. de Carvalho.—Communicado, por A. Allen.—Chronica, por A. C. Le Cocq.—Preços correntes dos productos agricolas nos mercados portuguezes e estrangeiros.

E' muito interessante para a agricultura; porisso não podemos deixar de o recomendar aos nossos lavradores e proprietarios de bens ruraes.

**Guerra do Oriente.**—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Vienna 25.—Os turcos recommencaram a bombardear vigorosamente o forte de S. Nicolau no desfiladeiro de Chipka. Segundo um despacho da Terapiu, as baterias russas teriam sido reduzidas ao silencio.

Paris 25.—O principe Sergio Maximiliano Witch, duque de Leuchtenbergue e segundo sobrinho do imperador da Russia, foi morto no ultimo reconhecimento operado pelas tropas do czarowitch.

Constantinopla 25.—Um telegramma de Rasgrad, de 24, annuncia que os russos perderam 800 homens no combate de Jovantchik e no de hontem nas proximidades de Zelic outros tantos.

—Os russos, com 36 batalhões de artilheria e cavallaria, atacaram hontem os ottomanos nos arredores de Jovantchik. Os turcos recuaram ao principio, mas, tendo sido reforçados, repellido os russos. O ataque dos russos contra Falisch, na estrada de Sofia, foi igualmente repellido, mas os cossacos conseguiram cortar o telegrafo. Uns 100 turcos atravessaram o Danubio e mataram 50 inimigos na margem roumanica.

Bucharest 25.—Hontem o general Gourko apoderou-se de uma posição entre Gorny e Falisch, na estrada de Sofia.

Ficaram prisioneiros Ahemet-Pachá, um chefe do seu estado-maior, grande numero de officiaes, 3:000 soldados, um regimento completo de cavallaria e 4 canhões.

As perdas dos russos são por emquanto ignoradas, mas supõe-se que são sensiveis.

Gourko já fortificou as posições conquistadas.

Vienna 26.—Depois de ter examinado as posições do exercito do seu commando, o czarowitch ficou convencido que será impossivel uma campanha de inverno com o actual systema de transportes.

Constantinopla 26.—Kars está sendo bombardeada pela direita. A praça contém provisões, ainda que incompletas, para 4 mezes, segundo um telegramma de Moukhtar-Pachá. Os russos teriam sido batidos em 24 do corrente, nas proximidades de Kranghan entre Bardes e Zewin.

—Ismail-Pachá effectuou a sua junção com Moukhtar-Pachá sem ter encontrado os russos.

—Moukhtar-Pachá perdeu 40 canhões nos ultimos combates; os animos estão abatidos e inclinados á paz.

Londres 26.—O «Daily-News» publica um telegramma de Bucharest datado de hoje, dizendo que desde que o general russo Gurko tomou o commando da cavallaria, mais nenhum comboio turco conseguiu entrar em Plevna. O mesmo despacho accrescenta que os reforços de infanteria russa e roumanica completarão brevemente o investimento áquella praça.

**A's almas caridosas.**—Recomendamos ás almas caridosas uma infeliz viuva, moradora na rua de S. Bernabé, n.º 13, [solão]. Tendo 80 annos d'idade, e porisso sem poder applicar-se a qualquer trabalho, luta com a miseria extrema.

**Appelo á caridade.**—A enlrevada Maria Antonia Ferreira, viuva do Antonio dos Granginhos, e que ha tempos saiu do Hospital com molestia incuravel, tem agora os seus padecimentos mais aggravados, achando-se sem meios de subsistencia para poder tratar-se no pouco tempo que lhe resta de vida. Imploramos, pois, a caridade das almas piedosas, para que se lembrem da infeliz com uma esmola. A sua residencia é na rua do Alcaide, n.º 17, n'um quarto á porta da rua.

(A pedido)

SAUDADES.

A Maria.

Brizas que passaes, quando brincardes Com os louros cabellos de Maria Dizei-lhe, mas baixinho, a ella sómente Que a não esquecerei, nem um só dia.

Dizei-lhe que este amor tam sancto e puro Que me soube inspirar com a ternura De seus amigos e pudicos olhares Me ha-de acompanhar á sepultura.

E que tam longe d'ella em vivo triste Sempre fiel ao nosso amor jurado Que me anima a esperança do futuro Que penso sempre no feliz passado.

Pedi-lhe vós que aceite como prova D'este sincero amor tam innocente, E dai-lhe lá por mim na face bella Com delirio e paixão um beijo ardente.

Aveiro 5 d'outubro de 1877.

Alfredo Vieira.

**SALVAE AS CREAMÇAS** Pela doce *Revalescière du Barry de Londres*.—Por toda a parte se deplora que a creança —a alegria da familia e a esperança da nação—é muito mal tratada. Sómente devido á ignorancia das mães e das amas, morrem ellas no primeiro anno, 60:000 em França e 40:000 em Inglaterra! Esta miseria é devida ou a uma alimentação de leite muito frequente, ou antes ao uso do leite de vacca ou de cabra, ou á açorda —alimentos inadmissiveis, e que, ordinariamente, trazem uma irritação da mucosa, e, como consequencia inevitavel, a escandescencia ou a diarréa, os vomitos continuos, a atrophia, as caimbras, os espasmos, a morte. Reconheceu se que a digestão de uma creança, uma vez compromettida, as drogas mais bem escolhidas não teem poder de reparar o mal! E' um

flagello para a familia e para o paiz esta cruel destruição! Ha contudo um meio simples e pouco dispendioso de o conseguir, e que tem sido provado durante vinte e oito annos; é sustentar as creanças de peito e as creanças doentes e fracas de qualquer idade com a *Revalescière Du Barry*, tres vezes ao dia, simplesmente cosida com agua e sal.

**E, finalmente, o sustento por excellencia que, elle só consegue evitar todos os accidentes da infancia.**

Citemos algumas das provas abundantes da sua influencia invariavelmente salutar, mesmo nos casos mais desesperados.

**Cura n.º 80:416.**—O sr. doutor F. W. Beneke, professor de medicina na Universidade de Marbourg, refere-se da seguinte maneira á clinica de Berlin, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalescière Du Barry*.

«A creança, na idade de quatro annos, soffia sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos que resistiam á mais cuidadosa dieta a duas amas e a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalescière* fez parar immediatamente os vomitos e restabeleceu-lhe completamente a saúde em seis semanas. De todas as minhas experiencias feitas posteriormente com a *Revalescière* obtive os mesmos resultados. E' quatro vezes mais nutritiva que a carne».

**Cura n.º 70:410.**—Fabrica de Grandvillars (Alto Rheno) 12 de julho de 1868. Senhor.—Considero-me feliz por poder dizer-lhe que o meu primeiro filho, muito debilhado, foi alimentado durante um anno pela sua *Revalescière*, e que a sua saúde e o seu desenvolvimento são uma maravilha para todo o mundo. Não ha na aldeia creança tão forte como o meu filho em relação á sua idade. —MERCIER.

**Cura n.º 87:421.**—Bruxellas, 23 de junho de 1874.—O meu filho mais novo, abandonado na idade de quatro para cinco mezes pelos medicos, não queria tomar nem digeria alimento algum, e achava-se, por consequencia, n'um estado de fraqueza que punha em perigo a sua existencia; foi então que lhe fiz preparar um caldo de *Revalescière* fraco, que elle comeu com appetite, e de que continuou a alimentar-se exclusivamente durante alguns mezes. Hoje, que tem onze annos de idade, é forte e gosa saúde. —DESWERT.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios. —Preços fixos da venda por miúdo em toda a península:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 15400 rs; de 2 1/2 kilos, 35200 reis; de 6 kilos, 65400; e de 12 kilos, 125000 rs.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 15400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière* chocolateada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 15400; de 120 chavenas, 35200 reis, ou 25 reis cada chavena.

**DU BARRY & C.ª LIMITED.**—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercadores, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central: sr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miúdo). Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

**DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.**—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barral, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Vianna do Castelo, Affonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Boinha, 29 e 33.—Penafer, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sou-

sa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desiré Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.ª, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Ponte de Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

## AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, a todos os cavalheiros e ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>, de quem receberam tantas provas d'amisade, estima, e consideração, por occasião do fallecimento e enterro de sua muito querida, presada e nunca esquecida filha, sobrinha, irmã e cunhada, Maria Clotilde d'Araujo Braga.

Equalmente agradecem a todas as pessoas que no oitavo dia do seu fallecimento, assistiram á missa de *requiem*, na igreja do Carmo, pela alma da finada.

Joaquim José d'Araujo.

Anna Emilia de Jesus Vieira.

Anna Emilia d'Araujo Braga.

Adelaide d'Araujo Gomes.

Amelia Olivia d'Araujo Braga.

Manoel Augusto d'Araujo Braga.

Joaquim Vieira d'Araujo Braga.

José Gomes d'Araujo Alvares.

(370)

## ANNUNCIOS

### DECLARAÇÃO.

Manoel José de Miranda, proprietario, da freguezia de Roriz, concelho de Barcellos, abaixo assignado, declara e faz publico por este meio, que nada deve a pessoa alguma, nem por titulo publico ou particular, nem por letra contrahida por si nem mesmo firmada ou endossada a pessoa alguma, nem por acto ou contracto algum verbal; e governando-se com o rendimento de seus bens, não precisa, nem tenciona contrahir d'ora em diante divida ou obrigação alguma; e por isso se alguma apparecer anterior ou posterior a este annuncio é falsa, e como tal protesta contra a sua nullidade, e falsidade, para usar dos meios e acções civis e criminosas que por direito lhe competirem.

Braga, 29 de Outubro de 1877.

(371) Manoel José de Miranda.

### DECLARAÇÃO

Manuel Joaquim da Cunha Vieira de Carvalho, proprietario, e morador n'esta cidade, declara perante o publico d'esta cidade e fóra d'ella, que a divida posta em juizo pela direcção do Banco Commercial d'esta cidade, é o seu total a quantia de 50\$000 cincoenta mil reis, de cuja quantia ficou como fiador de Antonio Moria Gomes da Silva Ramos, d'esta cidade, cuja quantia vae satisfazer.

Faz a presente declaração por dous motivos—1.º pela incuria da direcção do Banco Commercial, n'esse annuncio que mandou publicar n'este mesmo jornal, o não declarar a quantia por quanto ia ser executado e de que era proveniente tal divida—2.º e o principal, é para que o publico suspenda maus juizos por quanto a divida não foi contrahida por elle; e mesmo para quem esta declaração interessa r fique inteiramente sciente que tal divida não é de contos de reis.

Depois de concluida esta fiança e satisfeita a supradita quantia, tratará muito de perto este negocio, dizendo mais detidamente alguma cousa com relação a esta questão desde o principio d'ella, até fim. (363)

